

ENGRENAGEM MÁQUINA, CORPO AR JULHO 2022 SUPERFÍCIE TEXTO DE APRESENTAÇÃO

Gerty Saruê — Engrenagem Máquina, Corpo Ar Paula Borghi

23.07

\_\_

24.09 2022 Gerty Saruê nasceu em Viena, em 1930, permanecendo em território austríaco até 1939. Antes mesmo de completar nove anos de idade, fugiu do nazismo com sua mãe e padrasto para o interior da Bolívia, depois de não obterem asilo no Brasil. Seu pai conseguiu pagar uma passagem de navio para que ela escapasse da morte, porém, ao que tudo indica, ele foi assassinado em uma câmera de gás em Auschwitz.

Crescendo na Bolívia, um dos poucos países que na ocasião aceitava judeus, padeceu duros episódios de violência silenciados por sua condição de menina judia refugiada. Desde muito cedo teve que aprender a enfrentar as brutalidades da vida e se estruturar enquanto a mulher forte e livre que conhecemos hoje. Quando indagada sobre ser uma mulher feminista, ela responde sem pestanejar: Acho que sim, não posso não ser.

Em 1954, após duros anos na Bolívia, ela conseguiu imigrar para São Paulo, acompanhada dos filhos e marido, um comerciante árabe. Foi somente nos anos 1960, após aulas com o filósofo, crítico e teórico de arte alemão Anatol Rosenfeld — igualmente sobrevivente do Holocausto —, que ela deu início aos estudos que a conduziriam à sua produção artística. Sem formação acadêmica, frequentou também cursos livres de pintura com Yolanda Mohaly e Henrique Boese. É certo afirmar que ela é uma autodidata.

Em 1964, realizou sua primeira exposição individual na Galeria Convívio, em São Paulo, com pinturas. Nesta mesma época, conheceu Antonio Lizárraga, artista e designer gráfico argentino, também imigrante. Em suas palavras: Foi ele que me fez ser profissional. Em 1973, os dois participaram juntos da 12ª Bienal de São Paulo com o trabalho Metrópole, uma instalação feita com telhas de concreto usadas na construção civil. A amizade, o companheirismo e o amor entre ambos permaneceu até o fim da vida do artista, em 2009, que lhe deixou o seu espólio artístico.

Com uma obra que acompanha sua biografia e os correspondentes avanços tecnológicos, os primeiros trabalhos de Gerty Saruê são marcados por uma série de assemblages com madeira e ferro, bem como por monotipias. Até o fim dos anos 1990, sua produção é frequentemente pautada pelo uso da fotografia analógica, de cópias eletrostáticas (popularmente conhecidas como xerox), impressões em offset, cópias heliográficas e plotagens, entre outras técnicas. Até mesmo seus desenhos realizados com bastão oleoso sobre papel revelam essa dimensão e qualidade gráfica.

A partir dos anos 2000, a artista passa a produzir com mais intensidade utilizando-se do computador. O processamento eletrônico de informações trouxe à sua prática a possibilidade de manter a qualidade reprodutiva das cópias, ao contrário, por exemplo, do ocorrido com as cópias eletrostáticas. Realizado com as tecnologias informativas correspondentes à época, o uso da computação gráfica expandiu ainda mais seu trabalho.

De forma geral, é possível notar em sua obra que a atividade industrial de São Paulo e consequentemente o desenvolvimento desenfreado da cidade agiram como um motor de sua produção artística. Em suas palavras: Onde que tinha construção, eu corria para fotografar. Este mesmo olhar atento à cidade também se volta à poesia concreta. A artista chegou a realizar ensaios gráficos para diversos livros dos irmãos Augusto e Haroldo de Campos, além de ilustrações para livros de urbanismo e outras temáticas. Como escreveu Haroldo sobre esses ensaios: Não se trata de ilustração, mas de uma verdadeira tentativa de tradução inter-semiótica.

Enquanto palavras e letras são comumente articuladas pela artista como figuras, e não por seu conteúdo semântico, cálculos matemáticos e vetores de força se transformam em malhas gráficas. Imagens do polo industrial de Cubatão, da construção civil das ruas paulistanas, de recibos e boletos são mais algumas das visualidades que perpassam sua vasta e profícua produção. Pode-se dizer que o pensamento gráfico em articulação com a reprodutibilidade técnica e os concomitantes progressos da atividade industrial constituem um sintoma próprio de sua obra, que se faz evidente em *Engrenagem máquina*, corpo ar.

Deste modo, a exposição apresenta um olhar retrospectivo de seus trabalhos, partindo dos anos

1960 até o momento presente. Trata-se de um recorte curatorial marcado pela industrialização de São Paulo, pela reprodutibilidade técnica, pela sobreposição de códigos, ruídos e tramas que vibram no entre das zonas escuras e luminosas, dos espaços cheios e vazios. De uma artista que atualiza sua prática em vivo diálogo com as transformações tecnológicas que a circundam, seguindo as mudanças culturais iminentes às transições geracionais. Como menciona a própria: Eu odeio coisas antigas, não suporto nada antigo.

De certa forma, é possível percorrer sua obra por uma linha historiográfica dos meios de reprodução da imagem. Isto porque Gerty Saruê acompanha o crescimento desenfreado da metrópole, como uma testemunha ocular apaixonada pelas máquinas do mundo e pelas engrenagens que fazem o corpo respirar. Foi guiada por este devir engrenagem máquina, que a artista chega, em 2022, apresentando seu mais recente trabalho *Ar*, uma instalação que envolve sensores e controladores programáveis.

Em tempos em que o ar se torna algo ainda mais essencial do que já era — como comenta o artista Thiago Honório —, a instalação fala tanto sobre o momento presente, como sobre o passado que atravessou a vida da artista: as câmaras de gás. Assim, ao entrar na galeria, somos convidadas/os/es a percorrer este túnel do tempo e caminhar entre paredes que respiram, como se estivéssemos dentro de um pulmão articulado por uma engrenagem máquina, que ora sufoca, ora alivia.

Não há como não relacionar a potência de seu trabalho de arte com sua força vital. Estamos falando de uma artista sobrevivente da Segunda Guerra Mundial que sempre esteve muito à frente de seu tempo, tanto em sua vida pessoal como profissional. De uma mulher que revela sem segredos: Eu adoraria que alguém me deixasse livre e continuaria com a pessoa. Em outras palavras, da sabedoria de que o amor só existe quando livre.

É guiada por esta coragem e anseio de liberdade que, quando indagada sobre seus trabalhos não realizados, ela diz: Gosto de escadas em geral. Eu queria fazer uma escada que se perdesse, que não tivesse fim. Seja por meio de escadas que tocam o céu ou por paredes que respiram, é impulsionada pelo desejo de dar forma àquilo que parece ser impossível que Gerty Saruê segue a nos fascinar.

ENGRENAGEM MÁQUINA, CORPO AR JULHO 2022 SUPERFÍCIE TEXTO CRÍTICO

Texto escrito em ocasião da mostra *Gerty Saruê*<sup>1</sup>

Mário Schenberg

Piccola Galeria, setembro de 1970

artistas da São Paulo-Megalópolis. Cidade que começou a definir sua fisionomia nos últimos anos, com uma rapidez impressionante. A sua temática corresponde ao mundo humano da Megalópolis de hoje. Gerty exprime as suas vivências com uma linguagem de símbolos mecânicos, adequados ao seu depoimento, por terem sua origem na infraestrutura tecnológica. A Megalópolis do fim da década dos sessenta não é mais dos anos cinquenta, quando floresceu o pop americano. Houve o aguçamento tremendo da crise da sociedade de consumo, que se manifesta também em São Paulo, se bem que com violência bem menor que em Nova lorque. Um depoimento autêntico de 1969 não pode mais se enquadrar no registro não refutativo do pop tradicional. Deve necessariamente utilizar outra linguagem e outro prisma de captação da realidade social e humana individual.

Gerty Saruê vem se revelando gradualmente

do movimento artístico paulista. É uma das

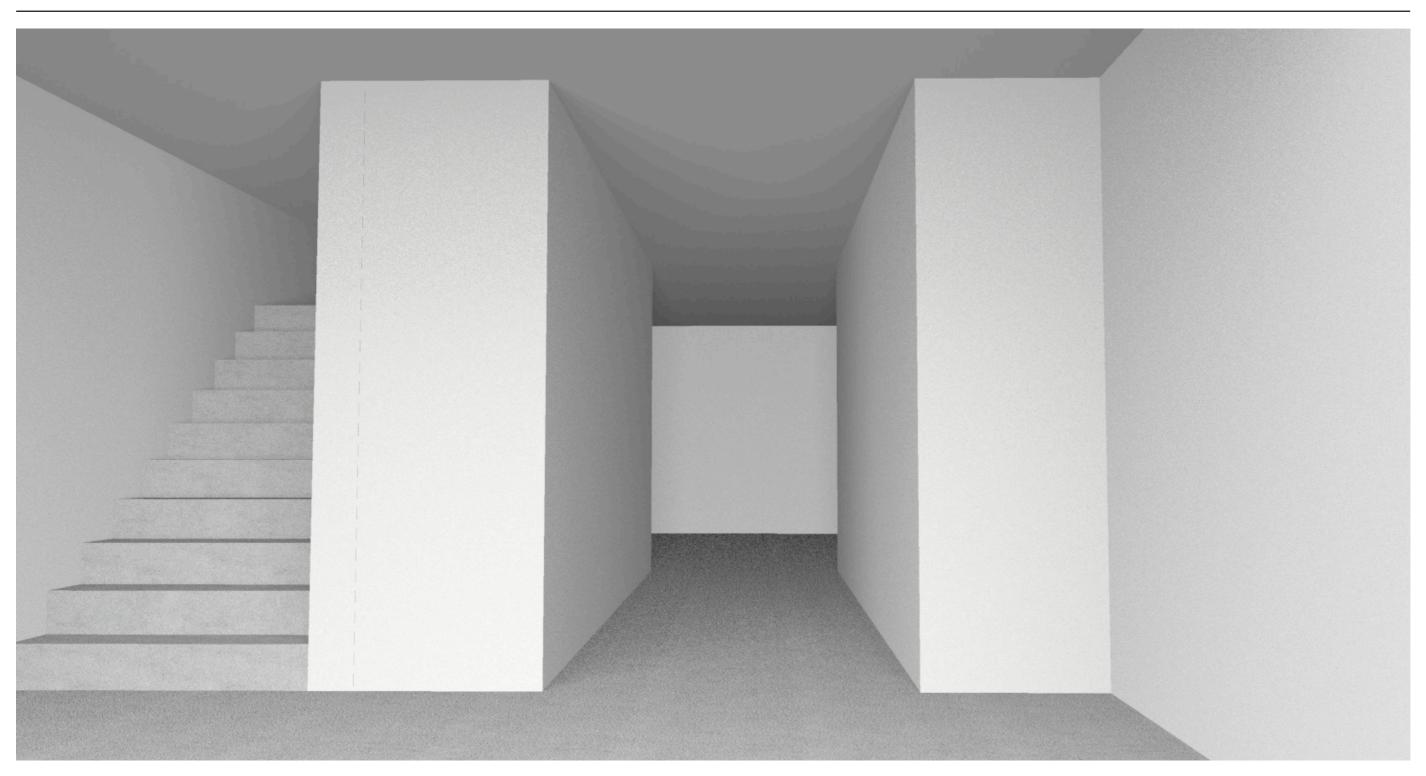
como uma das personalidades mais interessantes

Dentro do grupo nascente de artistas da São Paulo-Megalópolis, Gerty ocupa uma posição de destaque, pela capacidade de sentir problemas universais de nossos dias e pela linguagem desligada de restrições regionais. Utilizando uma combinação de impressão e desenho, ela vem conseguindo encontrar uma expressão silenciosamente dramática da tremenda tensão espiritual característica dos dias que correm em todo o mundo. As suas formas mecânicas e letras de tipografia tornam-se símbolos eficazes de angústia e procura.

Gerty foi cada vez simplicando mais as suas composições. O seu despojamento representa uma clarificação não só da linguagem artística como também da problemática humana e social. Por outro lado o vazio crescente simboliza também a dissolução crescente de toda uma civilização em vias de profunda transformação. O desenho foi ganhando terreno sobre a impressão, expressão plástica do deslocamento crescente dos interesses tecnológicos para os humanos.

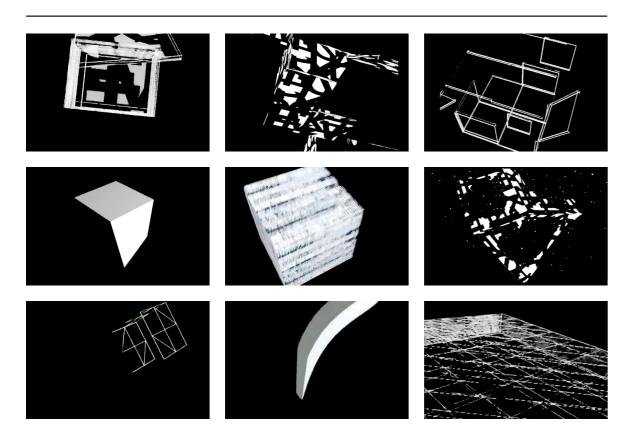
## Nota:

1 Retirado de: PALHARES, Taisa e HONÓRIO, Thiago (orgs). *Gerty Saruê*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.



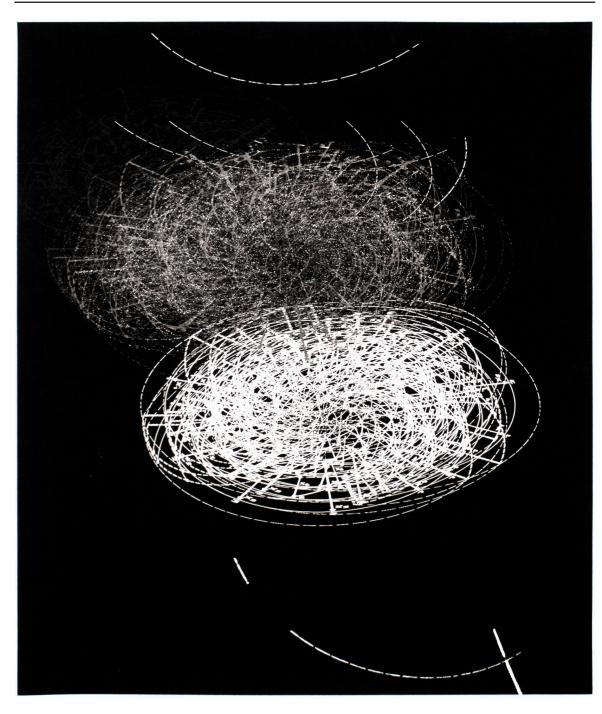
Ar

2022 Instalação Madeira, tinta, estrutura metálica, motor, programador e caixa de som 230 × 270 × 430 cm



Trajetórias

c. 2006 Vídeo 5'12''



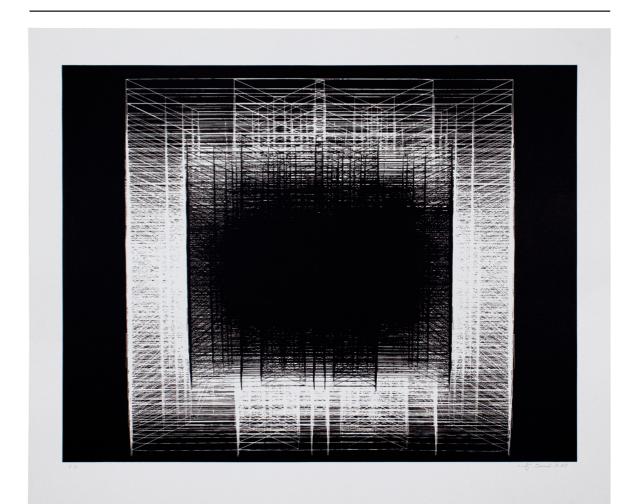
# Nebulosa

2000 Impressão digital sobre papel 90 × 77 cm



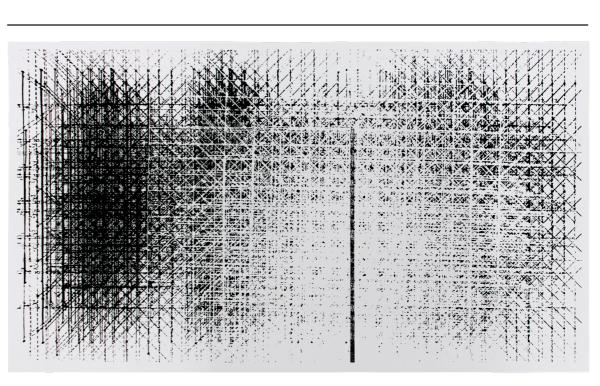
Sem título

2000 Impressão digital sobre papel 100 × 70 cm



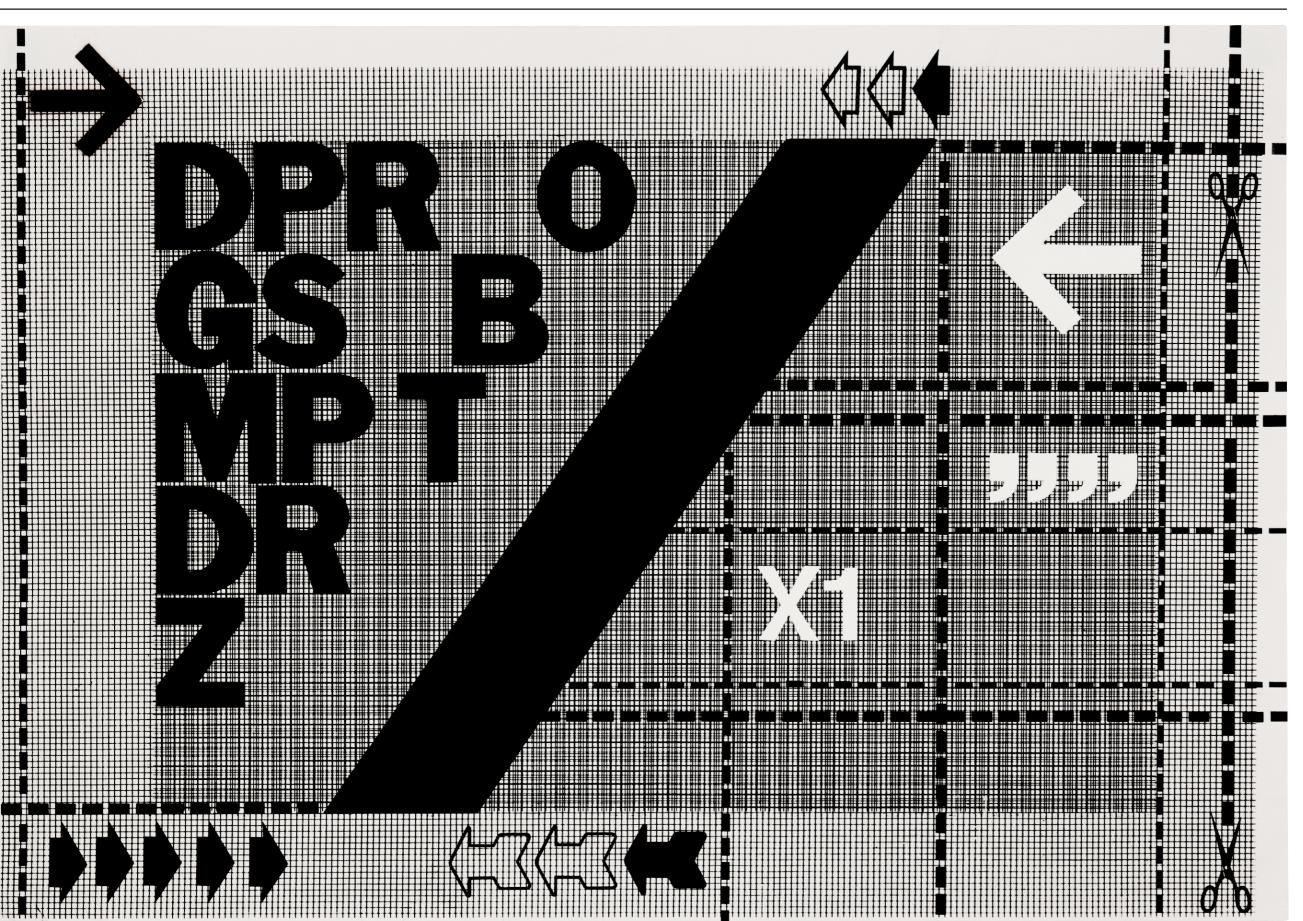
### Sem título

2000 Impressão digital sobre papel 71 × 86 cm



### Sem título

2000 Impressão digital sobre papel 63 × 110 cm



#### Sem título

1984

Colagem, letraset e nanquim sobre papel milimetrado

30 × 43 cm



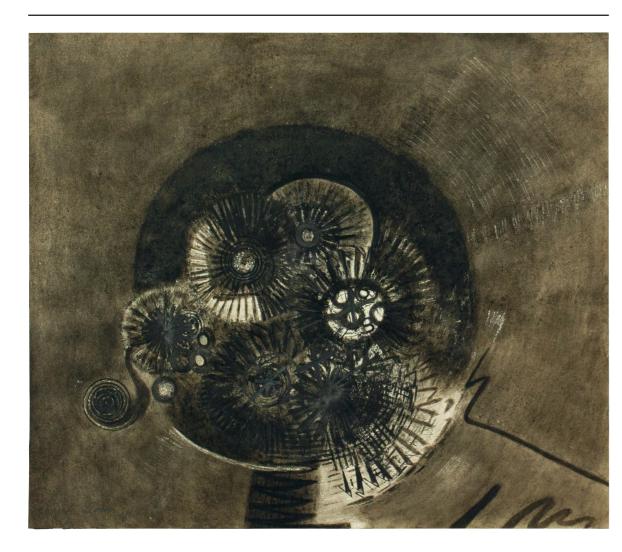
Devaneio na colina

1964 Guache sobre papel 25 × 35 cm



Sem título

1964 Guache sobre papel 37,5 × 50 cm

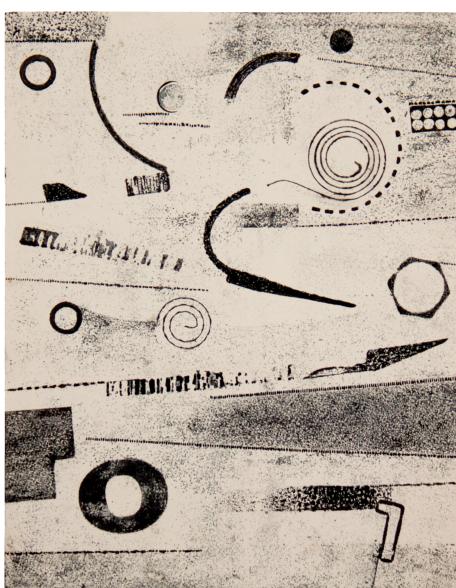


Sem título

1968 Nanquim sobre papel 40,5 × 47,5 cm

# Sem título

1969 Monotipia, tinta tipográfica sobre papel 23 × 19 cm





# Pintura-Montagem III

1967 Madeira e ferro 55 × 74 × 6 cm

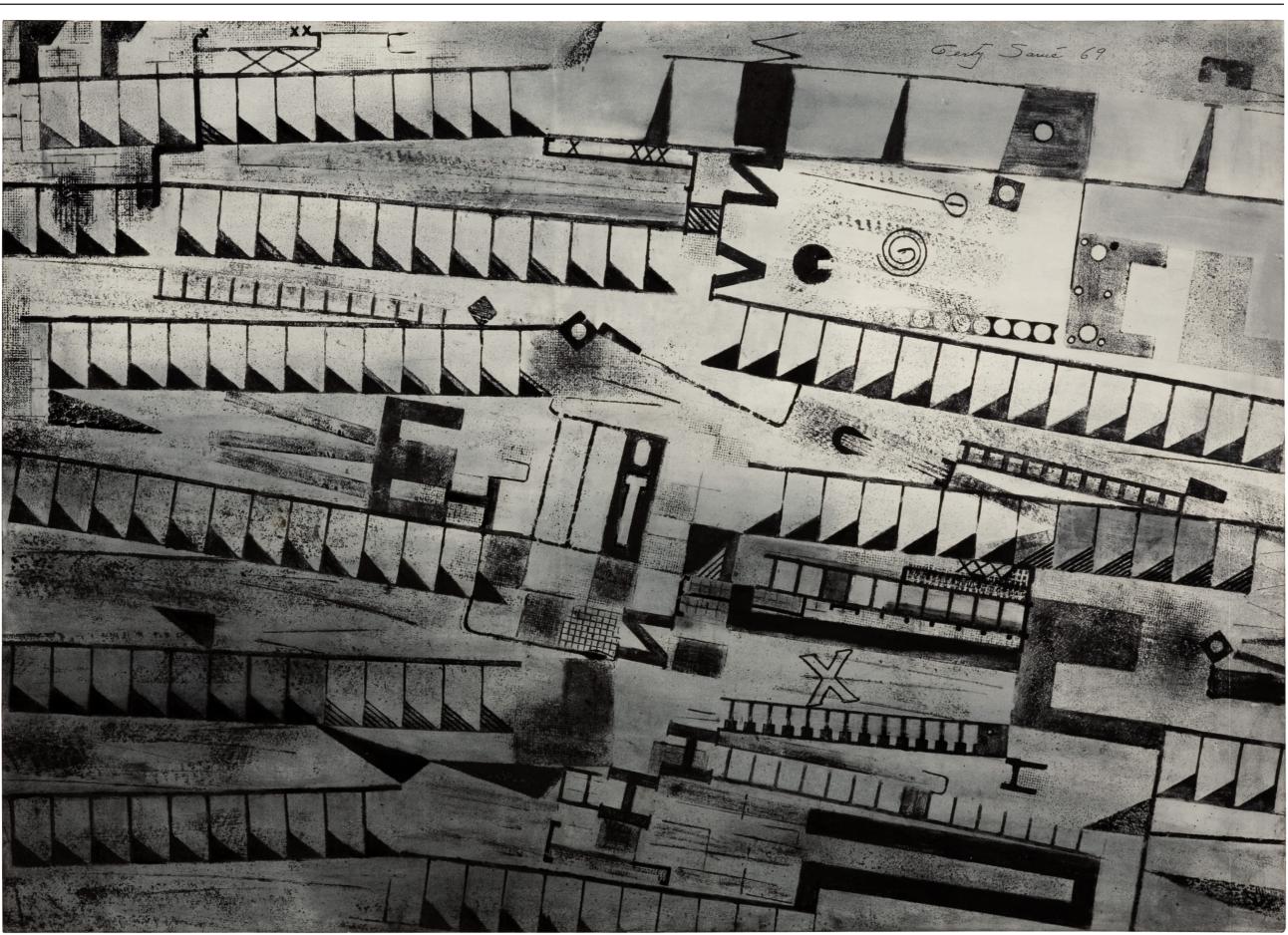
Exposições: 9ª Bienal de São Paulo (1967)



# Pintura-Montagem V

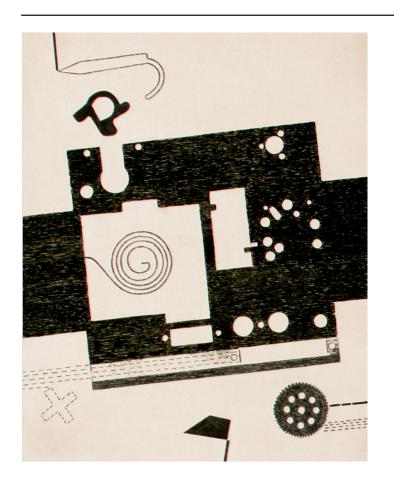
1967 Madeira e ferro 58,5 × 58,5 × 6 cm

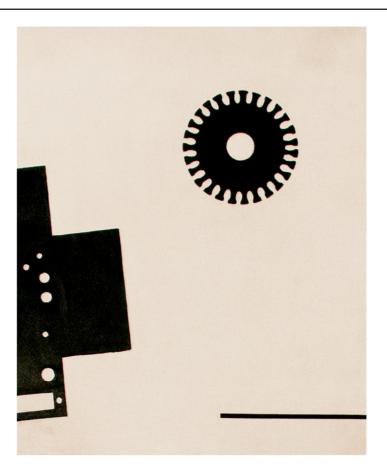
Exposições: 9ª Bienal de São Paulo (1967)

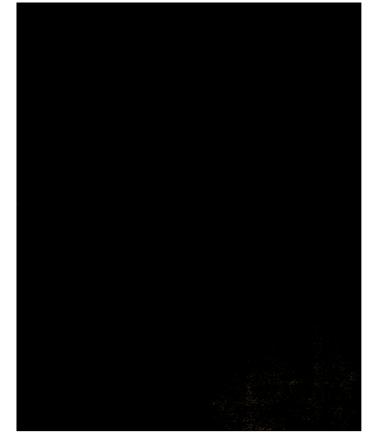


# Tchecov

1969 Monotipia, tinta tipográfica sobre papel 50 × 70 cm

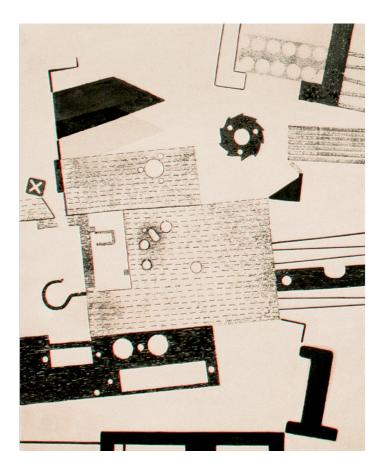


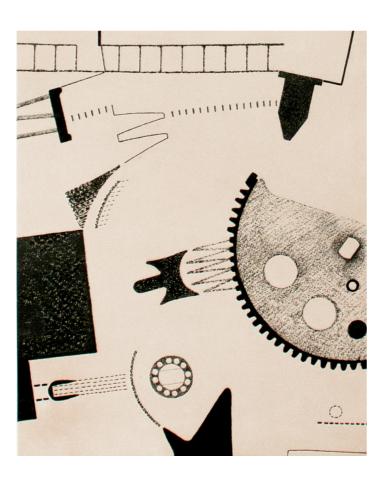




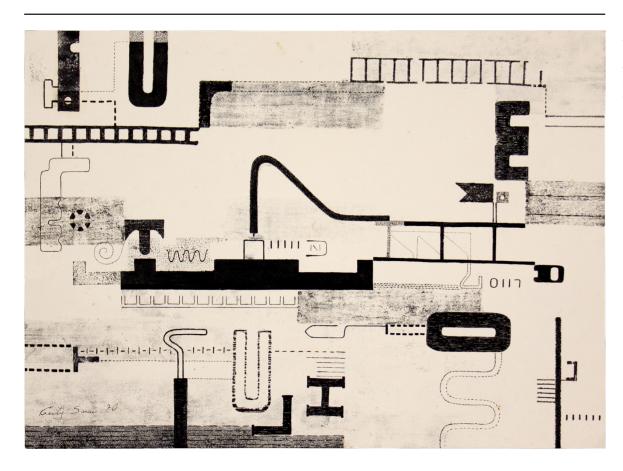
Viagem espacial

1970 Monotipia, tinta tipográfica sobre papel Políptico, 29 ×23 cm cada



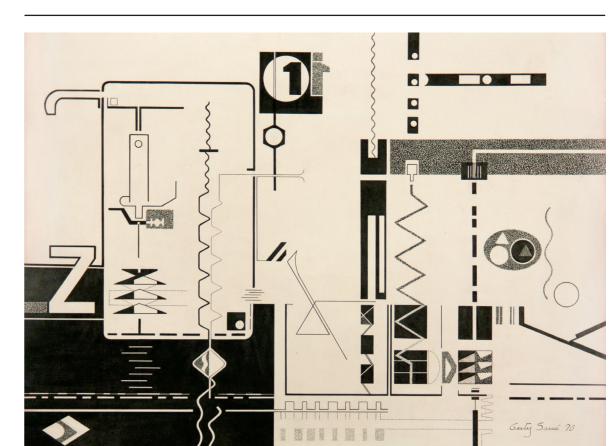






# Usina

1970 Monotipia, tinta tipográfica sobre papel 31,5 × 41,5 cm



# Laboratório

1970 Nanquim sobre papel 31,5 × 44 cm

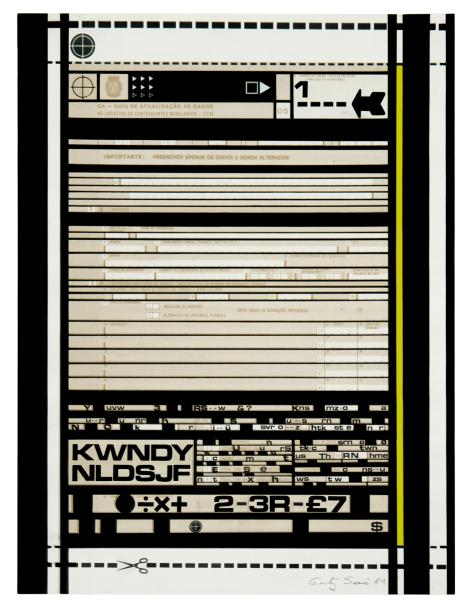


# Sem título

1984 série 'Burocráticas', Letraset, nanquim e colagem sobre papel 36 × 27 cm

## Sem título

1984 série 'Burocráticas', Letraset, nanquim e colagem sobre papel 36 × 27 cm



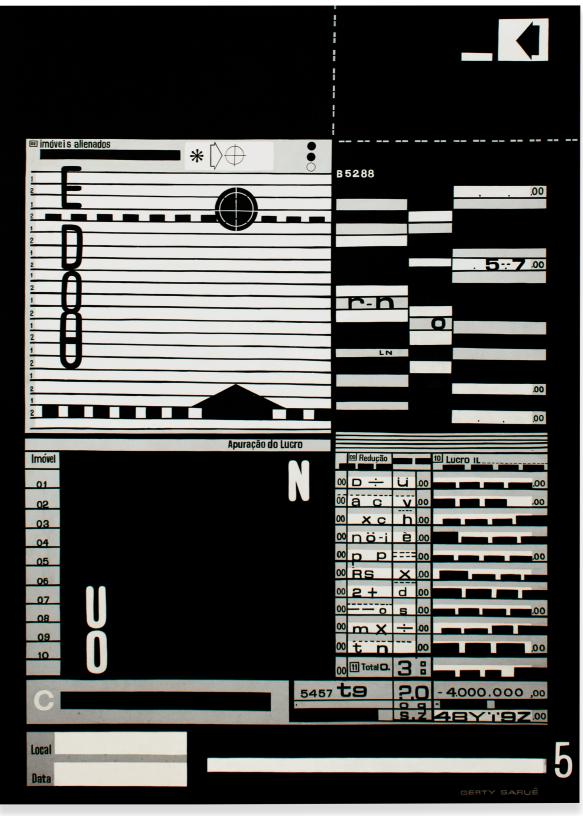


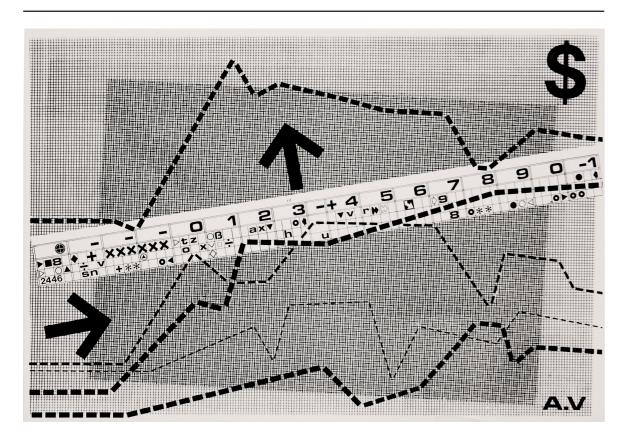
### Sem título

1984 série 'Burocráticas', Letraset, nanquim e colagem sobre papel 36 × 27 cm

### Sem título

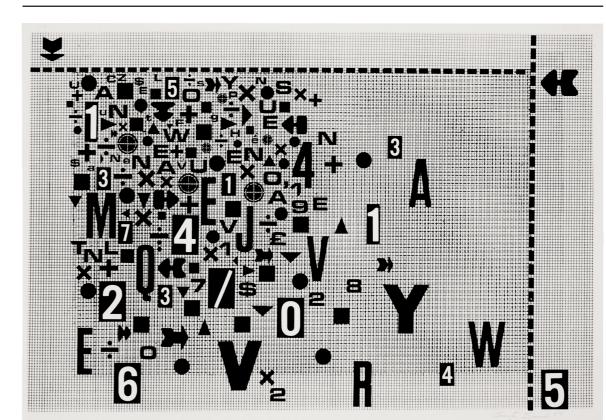
1984 Acrílica sobre madeira 200 × 146 cm





# Sem título

1984 Cópia eletrostática 30 × 43 cm



# Sem título

1984 Cópia eletrostática 30 × 43 cm

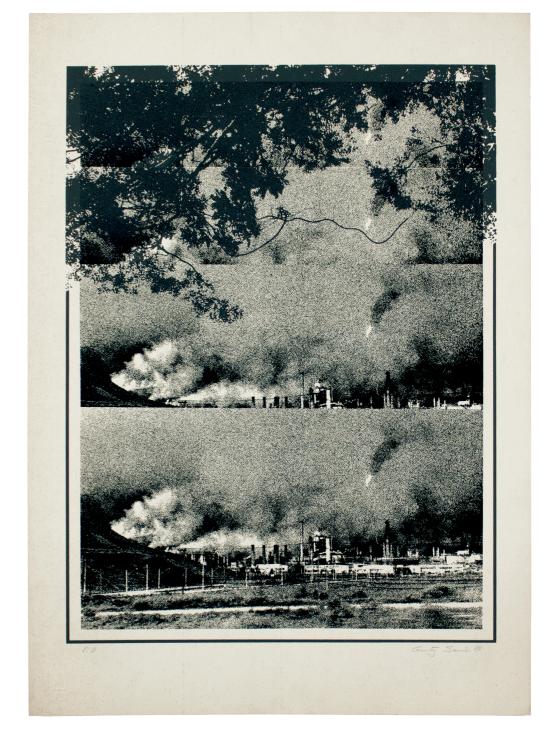


Sem título

1977 Serigrafia sobre papel 50 × 70 cm

# Cubatão

1980 Serigrafia sobre papel 70 × 50 cm







# Sem Título

1970 Nanquim sobre papel Díptico, 28 x 47 cm cada

Ensaio gráfico para o livro 'Panorama do Finnegans Wake' (1971), de Augusto e Haroldo de Campos, publicado pela editora Perspectiva ENGRENAGEM MÁQUINA, CORPO AR JULHO 2022 SUPERFÍCIE ENTREVISTA



# Entrevista com Gerty Saruê <sup>1</sup>

# Paula Borghi e Rita Monteiro

Paula Borghi — Gerty, quando você percebeu que era uma artista? Você é autodidata?

Gerty Saruê - Eu sou uma artista autodidata. Eu não sabia que era uma artista, aconteceu que me tornei uma. Foi por acaso, me disseram que havia uma Bienal [de São Paulo] e me falaram para enviar algum trabalho. Mandei 5 trabalhos. Aceitaram todos. Eram uns módulos feitos de madeira. Tem um que tem um cristal no meio, este para mim lembra uma figura humana. O que eu fazia era visitar os ateliês dos artistas, entrevistá-los para saber mais sobre arte. Como, por exemplo, o ateliê do Alfredo Volpi, Fernando Odriozola, Marcelo Grassmann e outros. Eu tinha um amigo artista, o Antonio Lizárraga, que me falou para enviar o meu trabalho para a Bienal.

**PB** — Mas antes de participar da Bienal de São Paulo, em 1966, você não fez uma exposição individual numa galeria de arte?

**GS** — Sim, em 1964 fiz a minha primeira individual na Galeria Convívio. Meus primeiros trabalhos foram realizados em guache.

**Rita Monteiro** — Durante anos você teve uma parceria muito grande com o Lizárraga. Como foi isso?

GS — Começou na Bienal de São Paulo de 1972. Eu não sabia como transportar uns objetos, umas telhas de concreto com chanfro. Neste período, ele estava com outro trabalho e não terminava nunca, então me propôs uma parceria. Ele sabia que era um bom artista. Demorei muito para ter confiança em mim. O que apresentamos na Bienal era uma espécie de escada que subia e descia, precisava de guincho para a produção do trabalho e eu não sabia como fazer. Ele sabia tudo, dizia que era engenheiro.

**RM** — Há um ponto de conexão entre o trabalho de vocês?

## Notas:

1 Entrevista realizada em julho de 2022 no ateliê da artista.

Rita Monteiro é amiga de longa data de Gerty Saruê. Mestre e doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP).

Paula Borghi é curadora e mestre em Crítica e História da Arte pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

# [à esquerda]

Retrato de Gerty Saruê na 12ª Bienal de São Paulo (1973). ENGRENAGEM MÁQUINA, CORPO AR JULHO 2022 SUPERFÍCIE ENTREVISTA

- GS A única coisa que temos em comum é que gostamos de desenhar. Gostávamos, porque ele já morreu. Quando ele ficou tetraplégico, eu fiquei muito chocada. Fiquei 8 anos sem trabalhar, até que o Rodrigo Naves foi visitar o Lizárraga e me disse: E você Gerty? Você não é artista? Daí comecei a trabalhar de novo. Foi super importante o que ele disse, eu não achava meu trabalho tão significativo.
- RM Como você entende a influência do Anatol Rosenfield em sua vida?
- GS Eu queria muito ter um intelectual como amigo, gente que eu podia admirar porque eu queria aprender. Ele me ensinou muito sobre literatura. Mas eu já sabia um pouco, porque em vez de ir para a escola lá na Bolívia eu ia para a biblioteca, não me interessava a escola.
- RM Como você descobriu o Anatol aqui no Brasil?
- GS Em uma conferência. No fim da conferência, fui falar com ele e ele me convidou pra ir em sua casa, onde ele dava cursos de filosofia. Na verdade, eu queria estudar filosofia, não arte. Eu não sabia como entrar na faculdade de filosofia, porque eu não estudei tanto na Bolívia, tinha 3 filhos pequenos para cuidar. Não dava, então não fiz filosofia. Estudei sozinha e com o Anatol estudei estética
- RM Você tinha amigos artistas?
- **GS** Eu conhecia a Mira Schendel, mas ela não queria ver o meu trabalho. Ela gostava muito de mim, mas queria ser amiga sem arte.
- **RM** Você tem uma relação com o objeto escada que é muito forte. Tem algum sentido maior a representação da escada pra você?
- GS Eu gostaria de fazer uma escada que se perde nas nuvens e não se vê mais, que não termina.
- **PB** Você tem um trabalho de uma pessoa andando, se equilibrando numa escada.
- GS A melhor foto que fiz. Por acaso eu estava na USP e, de repente, vi este homem se equilibrando. Era tão lindo! Não era para falar do operário, não era nada disso. Era o equilíbrio daquele homem. Não sei ao certo o que ele carregava. Eu transformava as fotos em serigrafias.
- PB A construção civil era algo que te atravessava?

- GS Eu gostava muito das formas. Eu ia na USP quando ela estava em construção. Era meu sonho ir lá todos os dias, na USP. Foi lá que eu perdi a melhor foto. Tinha um prédio na USP que estava sendo construído, as colunas quebradas pareciam ruínas gregas. Fiz a foto, mas o negativo não rolou.
- PB Outra influência sua pode ser Cubatão?
- GS Eu fotografei várias coisas em Cubatão, por exemplo, a chaminé. A foto era uma crítica ao desmatamento. Tem uma questão muito forte da natureza no trabalho. Eu me importava muito com tudo. Cheguei a participar de passeatas, como uma em Cotia, com vários arquitetos, para não construírem um aeroporto lá.
- **PB** Você fez trabalhos para livros de Augusto e Haroldo de Campos?
- GS Fiz trabalhos para alguns livros, como *Bere'shith*. Neste livro, com base nas letras em hebraico, que não entendia, inventei letras ilegíveis. Fiz tudo com nanquim à mão, naquela época não tinha computador. Adorava desenhar com letras, mas a forma das letras, qualquer letra. Eu gostava muito de colagens, papéis que se vendiam com letras, como decalque. Adorava usar letraset, assim eu não precisava desenhar à mão.
- RM Recentemente você me falou que nunca teve tanta ideia como hoje.
- GS Sim, porque eu fico mais tempo parada, 'então penso muito. Estou com mais coragem de fazer. Agora acho que tudo é possível, antes não pensava isso, hoje tenho mais coragem. Antes pensava em como ia fazer, agora eu penso que tenho que fazer, então o trabalho sai. Hoje estou mais irresponsável. Hoje eu faço do jeito que dá, e dá certo. Isso eu aprendi com o Lizárraga, que mesmo tetraplégico produziu tanto. Quando termino uma ideia já surge outra, mas eu tenho que ter mais segurança de saber o que quero. As coisas vão brotando, à noite, às vezes sonho com algo e penso que é possível.
- RM Você tem uma vida interior muito grande, não é?
- GS Não sei, eu era filha única e ficava muito tempo sozinha, ia para a biblioteca ou ficava muito só. Tinha bastante tempo para pensar. Minha mãe trabalhava e era divorciada. Isso era na Bolívia, porque, em Viena, eu morava com a minha avó, que não me deixava falar

na presença de adultos. Então eu fiquei muito tímida, não abria a boca. Até hoje, se não sei um tema, eu não falo, escuto.

- RM Como você se relaciona com seus trabalhos anteriores?
- GS Cada trabalho tem um modo de ver diferente.
- RM Uma das coisas que eu gosto em você é o fato de ser curiosa.
- **GS** Muito. Eu quero saber tudo, não quero perder algo da vida.
- PB Você acha que o trabalho Ar tem relação com o que?
- **GS** Tem a ver com vida e morte. Se não respiro, morro. Porque tenho idade avançada e posso morrer a qualquer instante.
- RM Lindo isso.
- GS Agora que estou com essa idade, penso que vou morrer mesmo. Eu não acredito em nada, felizmente, se não teria medo da morte. Aos 13 anos, fiz uma redação em que dizia que não acreditava em nada, nada. Não foi Deus que criou o homem, foi o homem que criou Deus à sua semelhança. Isso é o que eu acredito.
- RM Isso é filosofia.
- **GS** Eu era louca por filosofia. Eu não queria fazer outra coisa. Só queria estudar filosofia, daí estudei sozinha. Li muito. O Anatol dizia que eu tinha uma inteligência selvagem, porque nunca estudei formalmente.
- PB Você pode falar sobre aquele trabalho que está escrito "Ainda"?
- GS A primeira coisa que queria dizer era "Ainda estou aqui", mas depois me pareceu que só "ainda" era suficiente. Acho esta palavra bem intrigante, pode significar que muita coisa vai acontecer.

